

NEGÓCIOS

Fusões e aquisições devem ser recorde este ano

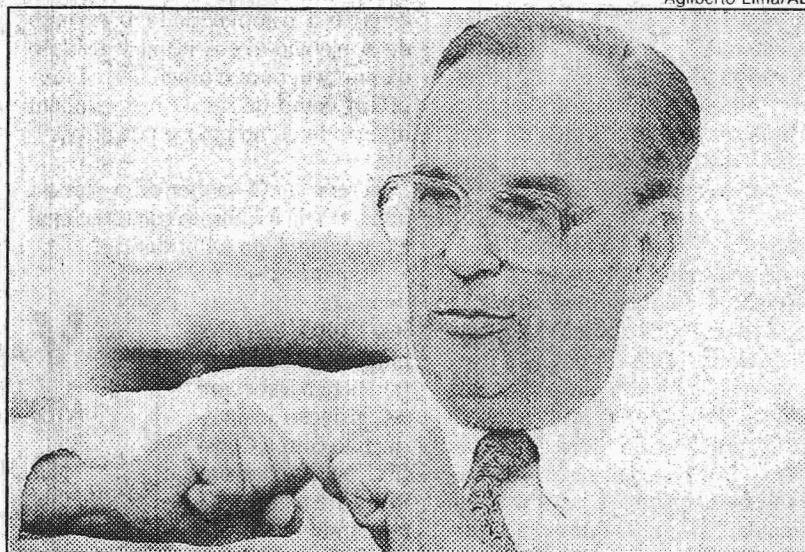
Previsão é de ingresso de capital estrangeiro superior a US\$ 2 bilhões por conta dos novos negócios

COSTÁBILE NICOLETTA

O ano de 1995 promete ter uma movimentação sem precedentes de aquisições e reestruturações corporativas no Brasil. Calcula-se que mais de US\$ 2 bilhões de capital estrangeiro ingressarão no País por conta disso. Somente na semana passada, foram anunciadas a compra da Anakol pela Colgate-Palmolive e a associação da italiana Barilla no capital da Santista Alimentos. E deve vir muito mais por aí.

Vários motivos são apontados para esse movimento. Um deles foi explicado pelo presidente para a América Latina da Colgate-Palmolive, Michael J. Tangney: "A região, e especialmente o Brasil, vem apresentando taxas de crescimento maiores que as observadas nos Estados Unidos e na Europa".

Um estudo da Associados em Finanças e Investimentos (AFI) mostra que o Produto Nacional Bruto (PNB) na Europa apresentou um crescimento de 2,6% em 1994 e deve chegar a 2,7% este ano. Nos Estados Unidos, a estimativa para esses indi-



Agliberto Lima/AE

Peter, da Union Carbide: área petroquímica deve se reestruturar

ces é de 3% e 2,8%, respectivamente. Os países latinos batem até os Tigres Asiáticos. Em 1994, a Ásia (exceto o Japão) cresceu 10,5% e se prevê um incremento de 8,8% para este ano. A América Latina alcançou 11,6% em 1994 e calcula-se 10,2% para 95. No Brasil, o crescimento médio esperado até 1997 é de 6%, segundo a AFI.

A maioria dos países latinos vem passando por ajustes em sua economia que estão fazendo baixar os índices inflacionários e crescer o potencial de consumo da população de baixa renda, além de reforçar o po-

der de compra dos cidadãos que já tinham acesso ao mercado.

A constituição de blocos econômicos de livre comércio, como o Mercosul, e a globalização dos mercados também influenciam. Para concorrer com outros países, ganhar escala, produzir com mais qualidade e competitividade, as empresas buscam alianças estratégicas, seja com

associações, seja com fusões. Quando não conseguem nem uma nem outra coisa, acabam vendendo suas operações.

Setores como o financeiro, de alimentos e petroquímicos são apontados como os mais cobiçados nesse movimento de fusões e aquisições. "A concorrência externa está quebrando a proteção que existia na petroquímica brasileira, que deverá se reestruturar para sobreviver", afirma o presidente da Union Carbide do Brasil, Jean Daniel Peter.

A indústria petroquímica no Brasil, ao contrário de outros mercados com os quais compete, está fragmentada em várias empresas fabricando o mesmo produto. Isoladamente, essas companhias não têm escala de produção nem preços para enfrentar

seus adversários internacionais e prevê-se um redesenho acionário em todo o setor nos próximos anos.

Todo esse processo de aglutinação e compra de empresas aumentará a carga de trabalho do Conselho

Administrativo de Defesa Econômica (Cade), que analisar se a transação prejudica a livre concorrência.

BASIL
CRESCER MAIS
QUE OS EUA E
A EUROPA